

RACISMO NO JUDÔ: OS CASOS RAFAELA SILVA E ROCHELE NUNES¹

Gabriela C. de Souza,

Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Soraia André Cesar,

Secretaria de Esportes e Formação Esportiva de Santo André (SEPE-PSA)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar os episódios de racismo no judô brasileiro, debruçados em uma epistemologia afrocentrada, que nos ajuda a compreender os reflexos deste fenômeno na sociedade. Após uma busca na mídia virtual, encontramos duas menções a casos de racismo com atletas de judô. Concluímos que o racismo no esporte é agravado quando tangenciam elementos de gênero, classe social, nacionalidade e orientação sexual, sobretudo em esportes hegemônicos masculinos.

PALAVRAS-CHAVE: judô; racismo no esporte; afrocentralidade

INTRODUÇÃO

Jigoro Kano criou o judô em 1882, no Japão, e tinha como principal objetivo desenvolver uma luta em que todos pudessem praticar, independentemente da idade em busca do desenvolvimento físico e mental. No entanto, apenas em 1926 foi criado um departamento de judô para as mulheres. Os campeonatos mundiais de judô estrearam em 1956 e 1980 no masculino e feminino, respectivamente; e em Jogos Olímpicos, oficialmente, foi em 1972 para homens e em 1992 para mulheres. (KANO, 2008).

O judô teve sua difusão pelo mundo nas três primeiras décadas do século XX, por isso é possível compreender que a chegada de atletas afrodescendentes não se fizesse em seus primeiros anos, sobretudo em competições, basta observar que o primeiro atleta afrodescendente a estar entre os 5 melhores judocas em Jogos Olímpicos foi o cubano Héctor Rodríguez Torres, em 1972, e foi o primeiro homem do continente americano a ser campeão olímpico, em 1976 (PHILLIPS e TOSCANO, 2014). A participação de afrodescendentes não

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

apenas vem se ampliando no judô, como atualmente um dos maiores ícones deste esporte é o afrodescendente francês, Teddy Riner, com três medalhas olímpicas e dez títulos mundiais.

No Brasil, a primeira atleta da seleção nacional afrodescendente foi Soraia André, representante do Brasil nos Jogos de 1992 e o primeiro medalhista olímpico brasileiro foi Carlos Honorato, em 2000 (ESSEN, 2021). Já as primeiras mulheres brasileiras a ganhar medalha olímpica no judô foram de atletas afrodescendentes, Ketleyn Quadros, com o bronze em 2008, a o primeiro ouro foi de Sarah Meneses, em 2012 (ESSEN, 2021).

Diante deste contexto, o objetivo deste estudo é analisar os episódios de racismo no judô brasileiro, debruçados em uma literatura afrocentrada que nos ajuda a compreender este fenômeno na sociedade.

MÉTODO

Esta é uma pesquisa qualitativa, que buscou utilizar uma análise documental sobre o tema racismo no esporte, em específico sobre judô, em periódicos da mídia virtual. O referencial teórico está debruçado nas epistemologias afrocentradas, protagonizando autores intelectuais negos que nos ajudam a compreender o racismo estrutural.

A busca foi realizada na plataforma Google e buscou identificar as notícias sobre casos de racismo no judô com brasileiros, onde foram encontrados dois casos: Rafaela Silva em 2012 e Rochele Nunes em 2020.

O RACISMO NO ESPORTE

De acordo com Farias et al (2020) a grande visibilidade dos esportes, sobretudo olímpicos, revela as desigualdades presentes historicamente na sociedade, dentre elas está o racismo, que se torna um desafio a ser enfrentado pelos atletas negros. Sobretudo se levar em consideração esportes que são considerados elitizados ou de hegemonia branca, como é o caso do judô, que além de ser um esporte com altas demandas de equipamentos para sua prática, tem origem asiática, o que poderia tornar a presença de atletas negros ainda mais incomum.

Ao compreendermos o que é racismo, assim como descrito por Almeida (2019), como:

uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam (p. 23).

Podemos perceber que em qualquer área social as classes hegemônicas, que não necessariamente são a minoria numérica, acabam por exercer um poder sobre os subalternizados, que para além das questões étnico raciais, também podem envolver as questões de classe, gênero, religião, orientação sexual, dentre outras. Essa interseccionalidade, como descrita por Crenshaw (2004), quando nos traz o atravessamento de raça e gênero, nos mostra que há uma falta de compreensão de como lidar com as diferentes formas de preconceito, tendo em vista que “quando somos protegidas contra a discriminação racial, somos protegidas contra todas as formas de discriminação racial, não apenas contra as que ocorrem para os homens.” (p. 15), o que nos revela que as opressões que ocorrem contra mulheres são ainda mais severas do que as que ocorrem com homens.

Desta forma, iniciativas feministas negras e a compreensão de interseccionalidade por ela ancorada tem o objetivo de promover políticas emancipatórias em busca de justiça social (COLLINS, 2017).

Diante desta realidade de opressões sobrepostas, os estudos sobre racismo nos esportes (FARIAS et al, 2020) acabam por identificar que existe uma quantidade significativa de investigações sobre este tema que mostram diferentes manifestações deste preconceito, o que ajuda a compreender que ainda é um fenômeno presente e com poucas ações de intervenção nos casos ocorridos.

OS CASOS RAFAELA SILVA E ROCHELE NUNES

No judô feminino citaremos 2 casos de racismo: Rafaela Silva em 2012 e Rochele Nunes em 2020.

No caso da atleta Rafaela Silva o primeiro ocorrido foi após a derrota nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012, quando os ataques racistas nas redes sociais foram atrelados ao motivo da derrota: um movimento ilegal à regra do judô, que lhe conferiu a desclassificação da luta. (LOMBA, 2012).

Encontramos também uma situação de racismo em 2018, quando Rafaela Silva denunciou, também nas redes sociais, a truculência com que foi tratada por policiais quando andava de taxi no Rio de Janeiro (GUERRA, 2018), embora não tenha ocorrido dentro do judô.

Já no caso da atleta Rochele Nunes, brasileira que se naturalizou portuguesa, as ofensas foram logo após um evento de Grand Slam de Budapeste, em 2020, quando recebeu nas redes sociais uma mensagem racista de um brasileiro, e destacou que não havia sido a primeira vez que recebia este tipo de mensagem. Neste caso as mensagens enfatizavam, também, sua escolha por ter saído do Brasil (COSTA, 2020).

Embora não tenha sido relatado um caso específico de racismo, encontramos uma reportagem sobre Carlos Honorato em 2016 (METRO RIO, 2016), onde o atleta medalhista olímpico, reportou que há casos de racismo e cita a injúria racial sofrida por Rafaela Silva em 2012.

ANÁLISE

De acordo com MOREIRA (2016) o trajeto percorrido por Rafaela Silva foi o da saga de um herói, onde sua trajetória foi marcada pelas inconstâncias, superações presentes no destino de um herói. Não apenas a derrota em 2012 fez parte dos enfrentamentos de Rafaela, mas também o episódio de racismo que sofreu e a quase desistência do esporte.

Destaca-se o fato de Rafaela Silva ter origem em uma comunidade do Rio de Janeiro, e ser assumidamente homossexual, o que lhe confere diferentes atravessamentos (gênero, classe, raça, orientação sexual), somado a prática de um esporte hegemonicamente praticado por homens.

Neste sentido, sofreu ataque nas redes sociais sob a justificativa de uma transgressão às regras, que no sentido de Souza (1983), denuncia falas estereotipadas aos negros como por exemplo: “preto não presta, é ladrão e é sujo” (p. 66). O fato de ter cometido um erro na luta potencializou a expressão do racismo que sofreu reproduzindo o estereótipo dos negros serem “malandros” e “trapaceiros”.

Na situação de Rochele Nunes, poderíamos estar diante de um atravessamento que envolve raça, gênero e nacionalidade, tendo em vista que o ataque sofrido mencionava o fato de ter saído do Brasil.

A necessidade de posicionamento dos atletas nas redes sociais reforça a necessidade de autoafirmação de suas identidades enquanto sujeitos, as próprias trajetórias dessas atletas nos dão pistas de que a formação do atleta contempla uma conscientização sobre as relações de poder. Como descrito por Souza (1983) ao expressar um processo de construção e tomada

de consciência do sujeito negro na sociedade brasileira diante das opressões cotidianas. Neste sentido, também atletas, mesmo evidenciados na mídia, tratados como heróis (MOREIRA, 2016), precisam se defender para ter o direito a condição humana, sobretudo quando envolvem outras categorias de subalternidade como gênero e classe.

Uma das evidências do agravante ao racismo com mulheres judocas está na reportagem do Jornal Metrô Rio com o medalhista olímpicos em 2000, Carlos Honorato, único homem negro do judô brasileiro a ganhar uma medalha, onde diz que há sim racismo no judô entretanto diz que prefere não dar ênfase a essa questão, tendo em vista que o judô é para todos. Isso nos mostra que ainda há um sentimento de democracia racial ilusório, expressos por estes corpos colonizados (SOUZA, 1983).

O que se percebe, corroborando com Farias (2011) ao relatar a trajetória de atletas negras brasileiras ao levar em consideração os aspectos de classe, raça e gênero, nos anos de 1960 e 1970, é que as relações sociais de poder ainda se deslocam e materializam no campo esportivo mesmo nas primeiras décadas dos anos 2000, assim como essas relações são reflexo do racismo estrutural no Brasil.

CONSIDERAÇÕES

Através destas breves análises foi possível concluir que o esporte ainda revela os fenômenos racistas, mas que são agravados quando tangenciam elementos de gênero, classe social, nacionalidade e orientação sexual, sobretudo em esportes hegemônicos masculinos.

Assim como visto nos estudos aqui citados, além de mais estudos que reflitam sobre este fenômeno, é preciso uma intervenção mais severa em termos de punições a estes agressores, para inibir estes ataques que parecem não se abalar pelas leis existentes.

RACISM IN JUDO: THE CASES RAFAELA SILVA AND ROCHELE NUNES

ABSTRACT

This study aims to analyze the episodes of racism in Brazilian judô focused on an Afrocentric epistemology, which helps us to understand the reflexes of this phenomenon in society. After a search on the virtual media, we found two mentions of cases of racism with judô athletes. We conclude that racism in sport is aggravated when it touches elements of gender, social class, nationality and sexual orientation, especially in male hegemonic sports.

KEYWORDS: judo; racism in sport; afrocentrality

RACISMO EN JUDO: LOS CASOS RAFAELA SILVA Y ROCHELE NUNES

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar los episodios de racismo en el judô brasileño, enfocados en una epistemología afrocéntrica, lo que nos ayuda a comprender los reflejos de este fenómeno en la sociedad. Tras una búsqueda en los medios virtuales, encontramos dos menciones de casos de racismo con deportistas de judo. Concluimos que el racismo en el deporte se agrava cuando toca elementos de género, clase social, nacionalidad y orientación sexual, especialmente en los deportes hegemónicos masculinos.

PALABRAS CLAVES: judo; racismo en el deporte; afrocentralidad

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carnero, Pólen, Coleção Feminismos Plurais, 2019.

COLLINS, P. H. Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Revista Parágrafa**.5, n1, p. 7-17, 2017.

COSTA, G. Judoca brasileira naturalizada portuguesa sofre racismo nas redes e rebate: "Não passarão". **Globo esporte**. 26 de out de 2020. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/judo/noticia/judoca-brasileira-naturalizada-portuguesa-sofre-racismo-nas-redes-e-rebate-nao-passarao.ghtml>> Acesso em 25 de maio de 2021

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004

ESSEN, H. V. Jogos Olímpicos de Munique – evento, 2021. Disponível em: <<https://www.judoinside.com/>> Acesso em 28 de maio de 2021

FARIAS, L. G. S.; NEPOMUCENO, L. B.; NETO, L. S.; SILVA, E. V. M. A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. **Movimento**, v. 26, e26074, 2020

FARIAS, C. M. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. **Revista Estudos Feministas**. 19(3): 911-929, 2011

GUERRA, M. Rafaela Silva luta contra racismo: "A gente vive o preconceito 24 Horas". **Globo esporte**. 23 de fev de 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/judo/noticia/rafaela-silva-luta-contraracismo-a-gente-vive-o-preconceito-24-horas.ghtml>> Acesso em 25 de maio de 2021

KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LOMBA, G. Técnica afirma: Rafaela foi xingada de 'macaca'; caso é levado ao COB. **Globo esporte**. 31 de junho de 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/07/tecnica-diz-que-rafaela-sofreu-insulto-racista-ele-tem-que-estar-na-jaula.html>> Acesso em 25 de maio de 2021

METRO RIO. Intolerância persistente. 29 de março de 2016. Metro Jornal, n.1344, ano 6, p. 15, 2016. Disponível em: < https://issuu.com/metro_brazil/docs/20160329_br_metro-rio> Acesso em 28 de maio de 2021

MOREIRA, A. G. El deporte y la idolatría: la caminata heroica de la judoca brasileña Rafaela Silva en los Juegos Olímpicos Londres 2012 e Río 2016. **A Journal of the Social Imaginary**. Number 11 – Year VII / July 2018 pp. 101-116

PHILLIPS, L. J.; TOSCANO, B. El Volcán de Montreal”: Uno de los Mejores Judokas del Mundo. **Observatorio Iberoamericano de la Economía y la Sociedad del Japón**. vol 6, nº 19, jan., 2014

SOUZA, N. S. “**Tornar-se negro**”. As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Graal, 1983